

INFÂNCIAS DO E NO CAMPO:**Percurso metodológico de uma Pesquisa-Ação COM crianças de 3 a 5 anos da Educação Infantil do Campo****FERNANDA CERQUEIRA CANDIDO DA SILVA**
Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC**EMILIA PEIXOTO VIEIRA**
Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC**Resumo**

Realizar pesquisa com crianças tem ganhado visibilidade nas discussões no cenário educacional, emergindo enquanto uma urgência em ouvir as crianças e seus posicionamentos, por meio das linguagens infantis, para construção de políticas educacionais, assim como reafirmar as crianças enquanto sujeitas de direitos. Este estudo é um recorte de uma pesquisa de mestrado com crianças sobre suas vivências e experiências na Educação Infantil do/no Campo, assim como integra uma pesquisa intitulada “A Educação Infantil do/no campo: da gestão à organização do trabalho pedagógico nas redes municipais de educação situadas na região Sul da Bahia”, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com 26 municípios do Sul da Bahia. Recorremos ao percurso teórico-metodológico da abordagem crítica e dialética fundamentada nas categorias indissociáveis da totalidade, contradição, mediação (CURY, 1992), hegemonia (GRAMSCI, 2022) e práxis (VÁSQUEZ, 1977). Além disso, ancoramos o estudo na concepção de Sociedade Civil em Gramsci (2022), compreendendo as relações de interesse e contradições dos diversos grupos presentes na sociedade. Inspirado na metodologia da Pesquisa-Ação em Thiollent (2011) associa-se a metodologias de pesquisas COM crianças (CORSARO, 2005; KRAMER, 2002, 2019; FILHO; BARBOSA, 2010; PASUCH; MORAES, 2013; GOBI; FINCO, 2013; RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014), para refletir sobre a organização do trabalho pedagógico em uma instituição infantil localizada no contexto do campo na cidade de Ilhéus-BA.

5665

Palavras-chave: Educação Infantil do/no Campo. Infâncias. Pesquisa Ação com Crianças.**Introdução**

As discussões e pesquisas sobre crianças e infâncias brasileiras têm se destacado no cenário educacional nas últimas três décadas, com preocupações dos movimentos sociais, docentes e pesquisadores/as da área educacional e social em entender as concepções de crianças e infâncias e sobre sua realidade e contexto em que vive, de políticas próprias a essa faixa etária, reflexões sobre as práticas pedagógicas em todo o processo de organização do trabalho pedagógico (currículos, calendários, organização dos espaços, materiais e recursos utilizados, etc.) e funcionamento da instituição escolar.

Compreender que existem infâncias diversas significa assumir uma postura político-pedagógica-social da concepção de mundo em que as crianças são sujeitas de direito e produtoras de cultura (BRASIL, 1988), portanto parte-se do pressuposto de uma visão dialética e crítica em que a criança integra e contribui ativamente na sociedade. Além disso, não podemos fazer referência a uma única forma de vivenciar a infância, mas variadas infâncias, plurais e singulares, todas com suas especificidades e particularidades que as tornam únicas e essenciais para as discussões e compreensões de mundo a partir da escuta atenta às vozes das crianças.

Com o período de redemocratização brasileira, com a promulgação da Constituição Federal (BRASIL, 1988), houve aumento da participação da sociedade civil organizada na defesa de políticas públicas voltadas às infâncias, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, LDB (BRASIL, 1996), estabelece a garantia do direito a uma educação de qualidade as crianças a partir do reconhecimento da Educação Infantil enquanto primeira etapa da educação básica.

O Movimento Interfóruns de Educação Infantil – Mieib teve e tem contribuído enquanto sociedade civil organizada nas discussões, por estar presente nos debates e pautas relacionadas às infâncias e suas especificidades, partindo da perspectiva contra hegemônica, na luta pela garantia e efetivação de direitos como a conquista ao financiamento a Educação Infantil, data de corte etária de 31 de março para adentrar a Educação Infantil e/ou ensino fundamental e reconhecimento da Educação Infantil como primeira etapa da educação básica. O Mieib se destaca por conta da sua participação ativa no cenário educacional, por meio dos seus fóruns no âmbito nacional, regional, estadual e municipal, possibilitando espriar as discussões, pesquisas e estudos acerca das infâncias brasileiras.

Quando se trata da Educação Infantil voltada às crianças do Campo, das águas e da floresta, a primeira ação surge, a partir de articulação interministerial - Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI) da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação e da Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo da então Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – (SECADI), além do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e do Desenvolvimento Social e Combate à fome (MDS) articulada ainda aos diversos movimentos sociais, como o Movimento dos Sem Terra, o Seminário Políticas Públicas de Educação Infantil no Campo, realizado em 2008 em Brasília.

Desse debate, foram realizadas várias audiências públicas, regulamentação em legislação, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2009 –

DCNEIs (Resolução CNE/CEB 05/2009), incluindo particularidades dessa infância, e a primeira e única pesquisa nacional sobre a Oferta da Educação Infantil do Campo, convênio entre o Ministério da Educação e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em 2010. Trouxe em evidência um olhar e escuta sensível para as infâncias do campo, das águas e da floresta, unindo a pauta da Educação Infantil do Campo à pauta da Educação do Campo, feita por e com os trabalhadores rurais partindo da sua realidade, valorizando os seus saberes-cultura-território, ou seja, uma educação “do” campo, assim como, uma educação próximo às suas residências, no contexto rural, educação “no” campo (CALDART, 2009). Esse projeto de educação, deu visibilidade às crianças desse contexto diverso, reforçando sua identidade e especificidade e dos seus modos de vida, a partir de uma educação emancipadora e reflexiva conforme salienta Silva, Pasuch e Silva (2012, p.2), uma educação infantil “... com a cara do campo, mas também com o corpo e a alma do campo”.

Ao realizarmos uma pesquisa com crianças, pensando o lugar que elas vivem, o campo, trazemos na essência do estudo um posicionamento político na perspectiva de defesa de uma outra educação contra-hegemônica, de modo a ressignificar a dupla invisibilidade e subalternização enfrentada pelas crianças do campo, primeiro por serem crianças em uma sociedade adultocêntrica e segundo por se cultivar uma sociedade urbanocêntrica que estereotipa os sujeitos do campo. Por isso, a importância e urgência de realizar pesquisa Com crianças moradoras do campo, de escutar suas vozes sobre o seu contexto e especificidades, saberes e identidades, brincadeiras, história dos seus antepassados e da cultura do seu território, ressignificando esse lugar a partir do olhar dessas crianças.

Apesar dos enfrentamentos políticos e desafios metodológicos, realizar pesquisas com crianças tem ganhado muita visibilidade no cenário educacional nos últimos anos, como no 8º Seminário de Pesquisas sobre Crianças e Infâncias – GRUPECI, realizado em 2023, e contou com a participação de 134 grupos de pesquisa, além da participação de 663 autores/as. O interesse dos/as pesquisadores e pesquisadoras na área tem contribuído em novos caminhos educacionais possíveis, levando em consideração o que as crianças têm a nos dizer. Segundo Maia (2019, p.102)

Logo, unidade e diversidade, totalidade e singularidade, coletivo e individualidade dialogam, não podem ser ignorados quando se fala de infância/infâncias ou criança/crianças. Infância/as e criança/as não cabem em conceitos naturalizados e uniformes de uma criança abstrata que parem sobre as implementações sociais.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado da Bahia (FAPESB), trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento, e integra uma pesquisa

intitulada “A Educação Infantil do/no campo: da gestão à organização do trabalho pedagógico nas redes municipais de educação situadas na região Sul da Bahia” desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com 26 municípios do Sul da Bahia. Este estudo tem como objetivo entender o acolhimento e resposta de crianças de 3 a 5 anos às propostas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras em uma instituição de Educação Infantil do Campo, da rede pública do município de Ilhéus-BA, dialogando com elas sobre suas vivências e experiências adquiridas no contexto escolar, considerando o território e concepção de Educação do Campo que a escola está inserida.

Percurso teórico-metodológico escolhido para desenvolver a pesquisa

Para atender aos objetivos da pesquisa, optamos por utilizar uma abordagem crítica e dialética da realidade, considerando a totalidade e o particular, Educação Infantil e Infâncias às especificidades (particular) às crianças da Educação Infantil do Campo e suas particularidades. Também ancoramos o trabalho no estudo de Cury (1992), Gramsci (2022) e Vásquez (1977) e das categorias indissociáveis da Totalidade, Contradição, Mediação, Hegemonia e Práxis. Ao estudarmos essas categorias, partimos do princípio da inexistência da neutralidade nas ações dos sujeitos na sociedade capitalista, especialmente da classe dominante, que busca uma sociedade hegemônica a seu favor.

Para o estudo da Educação Infantil do/no Campo apoiada na abordagem crítica e dialética, segundo Cury (1992), pressupõe a visão dialética do ser humano que implica na contradição indivíduo-sociedade, rejeitando o *status quo* que entende a realidade como estática. A dialética percebe o ser humano enquanto sujeito histórico-social e a partir do papel mediador da educação é possível proporcionar uma reflexão e articulação das contradições e totalidade da realidade que ocorre nas relações sociais. Quando se trata de pensar a infância, a criança, precisa considerar, nessa perspectiva, a concepção como foi conceituada e remodelada historicamente, a partir de tensões e interesses de cada cultura e conjuntura social.

Utilizaremos essas categorias dialéticas, mencionadas anteriormente, no auxílio do estudo desta pesquisa, não as considerando isoladamente, mas envolto ao movimento dialético e dinâmico da realidade social, enquanto intérpretes da realidade, analisando a conjuntura da sociedade capitalista e seu processo de tentativa hegemônica de impor um projeto educacional da classe dominante (CURY, 1992).

Educação Infantil e Educação Infantil do/no Campo se reflete no particular, no contexto da pesquisa em uma instituição de Educação Infantil do Campo no município de Ilhéus/BA. Segundo Vieira, Silva e Teles (2023, p.87) optar pela nomenclatura Educação Infantil do/no Campo é compreender os sujeitos do campo enquanto sujeitos histórico-sociais “... que, por sua práxis, produzem a realidade, ao mesmo passo em que são produzidos por ela o que possibilita o conhecimento sobre a realidade”, portanto, as crianças também contribuem na construção de conhecimentos da sua realidade.

Também apoiamos nosso estudo a partir da concepção de Estado Ampliado em Gramsci (2022), por revelar as contradições e disputas de poder que emergem no interior da sociedade civil, ou seja, nos grupos sociais que apresentam diversos posicionamentos e interesses próprios, disputando a sociedade política que representa o próprio Estado a favor dos interesses da classe dominante.

Por enquanto, podem-se fixar dois grandes “planos” superestruturais: o que pode ser chamado de “sociedade civil” (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como “privados”) e o da “sociedade política ou Estado”, planos que correspondem, respectivamente, à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico” (GRAMSCI, 2022, p. 21).

Ao discutirmos sobre a Educação Infantil do/no Campo, evidenciamos a importância da sociedade civil, entendida neste estudo como grupos sociais que lutam contra a hegemonia dominante, formada por pesquisadores/as, docentes, integrantes dos movimentos sociais organizados, fóruns de discussão e a própria população do campo e suas crianças, que reivindicam uma educação que respeite suas especificidades. Por trazer o princípio emancipatório em suas pautas, esses grupos sociais se posicionam contra outro grupo da sociedade civil, o grupo defensor do agronegócio, assim como a própria sociedade política - o Estado - que privilegia os interesses e defende a classe dominante. Portanto, o estudo proposto entende os constantes conflitos e contradições no seio da sociedade capitalista (CURY, 1992), provocados principalmente por esses grupos dominantes, que mediante disputas de poder político e econômico, querem cada vez mais ser a representação e ter participação efetiva nas políticas públicas e na própria construção social.

O quadro teórico-metodológico do estudo também ancora-se na pesquisa-ação defendida por Thiollent (2011), por tê-la como opção política, e por sua base crítica e dialética. Além disso, essa metodologia tem como referência a dialogicidade e participação efetiva dos sujeitos envolvidos/as em todo processo e percurso da pesquisa, neste estudo, as crianças de 3 a 5 anos que frequentam uma instituição de Educação Infantil do Campo.

A pesquisa-ação tem como princípio o diálogo e a argumentação dos/as participantes e do/a pesquisador/a, por isso é necessário a *escuta atenta* do/a pesquisador/a do que é dito durante todas as interações e atividades de pesquisa, pois todo o contexto é propício de informações para a pesquisa. Essa metodologia também nos possibilita uma “[...] estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLENT, 2011, p. 20).

Diferente das pesquisas tradicionais a pesquisa-ação não possui etapas de execução rígidas, mas flexíveis, possibilitando um “vaivém” constante a partir das dinâmicas e situações que emergem nos diálogos com os/as participantes da pesquisa, assim como o olhar atento do/a pesquisador/a, como pode ser visto na figura 1:

Figura 1 - Espiral – Fases da Pesquisa-Ação em Thiollent



Fonte: elaborado por Vieira e Vaillant, do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE), Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC (2015), publicado em: VIEIRA, Emilia; VAILLANT, Frédéric; MOREIRA, Maricélia. O uso da metodologia pesquisa-ação para análise de políticas educacionais. **REVISTA INTERSABERES**, v. 17, n. 40, p. 11–25, 2022.

De acordo a figura 1, a fase dos “Acordos” assim como a “Divulgação externa” são as únicas fases fixas, como destacado por Thiollent (2011), já que toda pesquisa necessita de um ponto inicial e um ponto final. É na fase inicial que são realizados todos os acordos para realização do estudo entre os/as participantes e o/a pesquisador/a, portanto, é nesse momento que há apresentação ética da pesquisa, respeitando os acordos com a comunidade escolar (famílias, comunidade escolar e as participantes da pesquisa, as crianças).

Com esse entendimento ético, tanto as famílias e a comunidade escolar como as próprias crianças precisam concordar em participar da pesquisa. Por isso, a necessidade de apresentá-las de modo diferenciado o que se pretende com a pesquisa. A pesquisa-ação, com base em Thiollent (2011), nos auxilia nesse sentido, por seu caráter flexível e dialógica, concretizando

os momentos da fase dos “Acordos”, em que são definidos com o grupo que se quer discutir na pesquisa.

A “Fase exploratória do problema” é o momento de está presente no contexto da pesquisa. Nesta etapa, a coleta das informações, a partir dos procedimentos metodológicos definidos e apresentados ao grupo, auxiliando na identificação do problema em conjunto com os participantes.

A fase exploratória consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou diagnóstico) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações (THIOLLENT, p. 56, 2011).

As observações geradas dessa fase permitem a realização dos “Seminários”, reconhecidos como de troca de diálogo e discussões das informações anotadas a partir do uso de diferentes procedimentos a serem discutidos com o grupo. Por ser uma pesquisa com crianças, esse diálogo ocorre a partir de outras e diversas linguagens infantis.

A fase final de “Divulgação Externa” representa todo o processo de pesquisa e o que o grupo definiu como prioridade a divulgar para além do grupo. É o momento de expor a outras pessoas os resultados encontrados e discutidos, por meio de seminários e eventos acadêmicos. Segundo Thiollent (2011) “... conhecer os resultados de uma pesquisa que por sua vez poderá gerar relações e contribuirá para a dinâmica da tomada de consciência e, eventualmente, sugerir o início de mais um ciclo de ação e de investigação” (THIOLLENT, p.81).

Thiollent, ao apresentar a pesquisa-ação como possibilidade metodológica de pesquisa que permite mudanças e transformações, os seus estudos estiverem focados nos adultos e não pensou uma pesquisa com crianças. Desse modo, buscamos contribuições em outros autores, mas tendo como base a pesquisa-ação de Thiollent. Contribuições de pesquisadores/as que estudam as infâncias e realizaram e/ou realizam estudos com crianças, recorrendo na perspectiva de como realizar uma pesquisa com crianças, suas possibilidades e desafios éticos e procedimentais.

Ética na Pesquisa COM crianças

Realizar pesquisa com crianças tem se mostrado um tema necessário e emergente nas discussões a partir do século XX, com os avanços da discussão sobre a infância/infâncias principalmente na perspectiva da sociologia da infância.

Os estudos partem da necessidade de ultrapassar a visão adultocêntrica, sinalizando para se ouvir efetivamente as crianças. Corsaro (2005), um dos pioneiros da sociologia da infância, apresenta a preocupação em como um adulto pode realizar uma pesquisa com crianças. Para o autor, é preciso conhecer o universo da cultura infantil, pois é necessário a ressignificação da criança enquanto sujeitas de direito. A proposta é agir como um adulto atípico, ou seja, não representar uma posição de autoridade e adultocentrismo sobre as crianças, mas trazê-las para o lugar de protagonistas da pesquisa.

[...] o desafio teórico-metodológico de considerar as crianças como atores sociais plenos, substituindo a visão da criança como um sujeito passivo para o entendimento de que ela é co-constructora de sua inserção social e cultural, sustentando que a compreensão da infância necessita (e deve) ser construída com a criança e não somente a respeito dela (RODRIGUES; BORGES; SILVA, 2014, p. 273, grifo das autoras).

A pesquisa com crianças requer cuidados éticos por parte do/a pesquisador/a, em todas as etapas programadas de pesquisa, revisitando a abordagem, procedimentos e assentimento diário das crianças na realização das atividades. Porém, há um consenso entre os/as pesquisadores/as de algumas implicações e lacunas de como proceder na pesquisa, ou seja, não existe uma forma correta de se fazer pesquisa, mas possibilidades e contradições que o/a pesquisador/a precisa analisar e refletir na sua prática. Kramer (2002) salienta sobre o uso verdadeiro ou fictício dos nomes das crianças, suas imagens mostrando os rostos, se apenas o consentimento é o suficiente, assim como se deve realizar a devolutiva pelo compromisso com a pesquisa ou resguardar alguns dados pela cumplicidade com os/as participantes.

Como podemos observar, não há um roteiro sobre como realizar a pesquisa com crianças, ao decidir realizar a pesquisa o/a pesquisador e/ou pesquisadora assume esse desafio, o que não pode ocorrer é que por conta das dificuldades na realização da pesquisa, as crianças permaneçam às margens da sociedade, da pesquisa, sendo invisibilizadas, em posição de subalternidade aos adultos e a uma sociedade adultocêntrica.

Neste estudo com crianças, estamos atentas às atitudes éticas, com o entendimento da escuta baseada na dialogicidade com as crianças, no respeito e cuidado das informações que elas revelam apenas aos/às pesquisadores/as, enquanto um segredo, mas que não querem que apareça na pesquisa.

Nossas pesquisas permitem dizer que ouvir e ver as crianças, durante o processo da pesquisa, pressupõem cuidados éticos, posição que expressa o compromisso político e científico de ecoar as vozes das crianças, sua fala, sua cultura, sua linguagem, seu pensamento, suas crenças e seus valores (KRAMER, 2019, p.250).

Ao propormos a realização de uma pesquisa-ação com crianças do contexto do campo, consideramos ser fundamental compreender quem são essas crianças? Quais as suas especificidades? Que território é este? Como vivenciam sua infância na comunidade e na instituição escolar? São algumas reflexões que pretendemos responder com este estudo, visando contribuir para a visibilidade e a vozes das crianças.

Quando nos referimos às crianças do contexto do campo, são filhos e filhas de “agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros” (BRASIL, 2008), entendendo a pluralidade e possibilidades diversificadas dos modos de vivenciar as infâncias no campo, mas reconhecendo suas especificidades, território e cultura. Segundo Silva e Pasuch (2010, p. 1) “... é importante considerar que as crianças do campo possuem seus próprios encantos, modos de ser, de brincar e de se relacionar”, ou seja, as suas brincadeiras, rotinas, identidade engloba a “multiplicidade que o campo brasileiro se configura”.

A organização do trabalho pedagógico que ocorre nas escolas de Educação Infantil do Campo, assim como a prática docente precisam estar solidificadas na valorização das vivências e saberes das crianças e seu território, brincadeiras da sua região e contexto, o contato com a natureza, currículos e calendários escolares voltados às necessidades do campo, reforçando sua identidade enquanto um/uma sujeito/a de direitos pertencente ao campo. “§ 1º A organização e funcionamento das escolas do campo respeitarão as diferenças entre as populações atendidas quanto à sua atividade econômica, seu estilo de vida, sua cultura e suas tradições” (BRASIL, 2008).

Portanto, realizar a pesquisa partindo dessa concepção da pluralidade de infâncias do campo, inseridas em instituições de Educação Infantil do Campo, é uma forma de reforçar e defender a garantia de políticas educacionais que valorizem e visibilizem essas crianças do campo, respeitando sua diversidade, assim como, ajuda a ampliar as discussões no âmbito acadêmico da urgência de ouvir o que as infâncias do campo tem a nos dizer. “Portanto, não temos infâncias adormecidas, mas crianças que almejam ser ouvidas e que desejam expressar como é sua vida, como percebem o mundo e as pessoas com as quais compartilham o seu mundo infantil” (PASUCH; MORAES, 2013, p.79).

Procedimentos metodológicos: possibilidades na pesquisa com crianças

Para dar conta dessa concepção de pesquisa com crianças, apoiamos em procedimentos metodológicos como a gravação de filmagens e áudios, o uso da fotografia feita com crianças, realização de oficinas de desenhos e observação das brincadeiras livres das crianças, e o diário de campo. Salientamos que existem outros procedimentos possíveis para realizar pesquisa com crianças, mas priorizamos os mencionados anteriormente, pela potencialidade de coleta de informações que nos permite e da possibilidade de escutar atentamente as crianças de 3 a 5 anos. Segundo Emilene e Flávia (2021, p. 75), “Na busca por ouvir a voz das crianças é preciso atentar para mais do que a voz, pois há modos de produzir discursos que são distintos da fala, e que precisam ser considerados por quem pesquisa com crianças pequenas”.

A gravação de filmagens e gravação de áudios possibilitam uma análise mais atenta dos acontecimentos e falas no ambiente escolar, que podem passar despercebidas pelo/a pesquisador/a. Segundo Filho e Barbosa (2010) é a partir da imagem gravada e sua descrição que é possível uma expansão do que não havia sido percebido inicialmente. Os desenhos e brincadeiras vem como um aporte as diversas linguagens da infância, os modos de interação com outras crianças e com a professora, os traços, garatujas, cores e formas, além da oralidade, enriquecem a pesquisa e possibilita uma maior participação das crianças, principalmente as mais novas que ainda não conseguem se expressar totalmente pela fala.

As fotografias, pelo uso do aparelho *smartphone*, possibilita registros únicos de momentos que ficam guardados na imagem. Ao tirar fotos o/a pesquisador/a pode comparar mudanças estruturais e organizacionais dos espaços, prática e epistemologia docente, porém as fotografias tiradas por crianças vai muito além ao trazer a visão de mundo a partir da ótica da infância. Para Gobi e Finco (2013, p. 66) “Ainda é possível perceber a câmera como extensão da mão, como o lápis visto como ampliação do corpo. A câmera fotográfica se torna jogo nas mãos das crianças, um jogo de experimentação e descobertas”. A liberdade e presença central das crianças no registro traz à tona sua participação na pesquisa.

O diário de campo também apresenta-se como de ótima contribuição, a partir de anotações importantes de acontecimentos, convivências sociais, choros ou risadas, assim como observação atenta à organização dos espaços, brincadeiras e suas interações. É importante salientar que por se tratar de uma pesquisa-ação com crianças o uso dos procedimentos será a partir do consentimento e assentimento das famílias ou responsáveis legais, corpo docente e gestão da instituição escolar, e principalmente as crianças.

Realizar pesquisa com crianças requer assumir um compromisso ético desde a proposta da pesquisa, preparação da documentação ao Comitê de Ética, ida a campo e desenvolvimento

do estudo, assim como, na perspectiva da pesquisa-ação, dialogar todo o tempo com o grupo sobre os achados da pesquisa e formas de devolutiva ao próprio grupo, a divulgação e o armazenamento das informações.

Considerações ainda iniciais...

O estudo pretende contribuir e dialogar com docentes e pesquisadores/as que estudam as Infâncias e Educação Infantil do/no Campo sobre pesquisas com crianças, visibilizando as vivências e especificidades do contexto de uma instituição infantil do campo. Entender o território e a cultura onde as crianças estão inseridas, os modos de vivenciar a infância nesse contexto e, trazer a perspectiva das crianças, e não apenas sobre elas.

Nesse sentido, é um estudo que visa compreender as disputas na sociedade capitalista por um projeto de educação, e a defesa que seja um projeto transformador e emancipatório, que traga outros sujeitos, como as crianças, para a centralidade do debate e para as propostas de políticas educacionais para o campo brasileiro, que valorize os saberes e conhecimentos produzidos e reproduzidos pelas crianças camponesas.

Nesse sentido, o cuidado ético na pesquisa com crianças é essencial desde a escrita da proposta da pesquisa, e a importância de ao se realizar pesquisa com crianças, encontrar caminhos para uma pesquisa-ação com crianças dialógica e sem hierarquia.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 06 fev. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 06 fev. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB/2/2008** – Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. MEC: Brasília - DF, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf. Acesso em: 3 abr. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. MEC: Brasília, 2009. Disponível em: <

http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CALDART, Rosali Salete. **Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso**. Trab. Educ.Saúde, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 11 de set. 2023.

CORSARO, William A. Entrada no Campo, aceitação e natureza da participação nos estudos Etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSFtqBHmZxbF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 de mar. 2024.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FILHO, Altino José Martins; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Metodologias De Pesquisas com Crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.08-28, jul./dez. 2010. Disponível em:<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496>>. Acesso em: 10 de mar. 2024.

GOBBI, Marcia; FINCO Daniela. Meninas e meninos em assentamento do MST: representações e diferentes modos de ver e sentir da infância do campo. SILVA, Isabel de Oliveira; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (org). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

KRAMER, Sonia. Des/acertos, silêncios e conflitos éticos: o que você faz com os resultados da sua pesquisa? In: KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Maria Leonor P. B; BARBOSA, Silvia Néli Falcão (org.). **ÉTICA: Pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2019, p.235-254.

KRAMER, Sonia. Autoria e Autorização: Questões Éticas na pesquisa Com Crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, julho, 2002. Disponível em<<https://www.scielo.br/j/cp/a/LtTkWtfzsbJj8LcPNzFb9zd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 7 de mar. 2024.

KRAMER, Sonia. Des/acertos, silêncios e conflitos éticos: o que você faz com os resultados da sua pesquisa? KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Maria Leonor P.B; BARBOSA, Silvia Néli Falcão (org.). **ÉTICA: Pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil**. São Paulo: Papyrus, 2019.

MAIA, Marta. “Isso é o que eu não sei responder”: o currículo nas palavras das crianças. KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Maria Leonor P.B; BARBOSA, Silvia Néli

Falcão (Orgs.). **Ética: Pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2019, p.99-124.

PASUH, Jaqueline; MORAES, Eulene Vieira. Retratos sociológicos das infâncias do campo. SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 77-89.

RODRIGUES, Silvia Adriana; BORGES, Tammi Flavie Peres; SILVA, Anamaria Santana da. “Com olhos de crianças”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 25, n. 2, p. 270-290, maio/ago. 2014. Disponível em:<
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3188/2698>>. Acesso em: 04 de mar. 2024.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline. Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento- Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <
<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7162-2-10-artigo-mec-orientacoes-curriculares-ei-campo-ana-paula/file>>. Acesso em: 16 de mar. 2024.

SILVA, Ana Paula Sares da; PASUCH, Jaqueline; SILVA, Juliana Bezzon da. **Educação Infantil do campo**. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUSA, Emilene Leite de; PIRES, Flávia Ferreira. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 27, n. 60, p. 61-93, maio/ago. 2021. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/ha/a/V7gGJ47rf86VqnxpH5vgvVw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 8 de fev. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, Emilia; VAILLANT, Frédéric; MOREIRA, Maricélia. O uso da metodologia pesquisa-ação para análise de políticas educacionais. **Revista Intersaberes**, v. 17, n. 40, p. 11–25, 2022. Disponível em: <
<https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2280>> Acesso em: 1 de abr. 2024.

VIEIRA, Emilia Peixoto; SILVA, Fernanda Cerqueira Candido da; TELES, Isabela Fernandes. **Educação Infantil do/no Campo no Brasil e no território Sul da Bahia**. In: VIEIRA, Emilia Peixoto; COUTINHO, Angela Scalabrin; LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida; SANTOS, Maria Walburga dos (Orgs.). Crianças, Infâncias e Educação Infantil do Campo: Diversidades e Conexões Brasil e França. São Paulo: Pedro e João Editores, 2023, p. 81-122.

Autor 1:



Fernanda Cerqueira Candido da Silva
Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação, PPGE da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC. Bolsista Fapesb. Licenciada em Pedagogia pela UESC. Integrante do grupo de pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPGE) da UESC.

Email: fernandacerqueirs@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4285970826093579>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9026-3132>

Autor 2:



Emilia Peixoto Vieira

Pós-Doutora Universidade Sorbonne Paris Nord. Professora Pleno do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação/PPGE da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC. Vice-Coordenadora PPGE/UESC. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPEGE).

Email: emilcarl28@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9111894483090249>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9718-742X>